

Quinze anos na era cibernética



Lígia Silva Leite
Pós-doutora em Tecnologia
Educativa e professora
adjunta em cursos de
mestrado e doutorado
ligialeite@terra.com.br

Comemorar 15 anos de uma publicação impressa na Era da Cibercultura merece atenção e carinho. No ano em que a *Revista Linha Direta* começou a ser publicada, a tecnologia estava em acelerado processo de desenvolvimento. O mundo mudava do modelo industrial para o cibernético, e a educação já vinha questionando padrões tradicionais. O *boom* do rádio, da televisão e do videocassete já estavam desacelerados, e o desafio que se apresentava na área pedagógica dizia respeito à integração do computador às atividades de ensinar e aprender.

Nos Estados Unidos, a quantidade de programas educativos que usava o computador era grande. Eles o usavam como ferramenta individual de aprendizagem, embora pudessem propor atividades em grupo. Apesar de, no Brasil, a preocupação com a área da tecnologia educacional não ser atual, uma vez que a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional comemora, em 2011, seus 40 anos, há 15 anos as escolas brasileiras ainda viviam sob o desafio de compreender a utilidade pedagógica do computador, pois apenas em 1997 foi lançado o Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfe).

O cenário educacional tem mudado em relação à tecnologia. Hoje, a informática, associada às telecomunicações, permite a comunicação em rede, que tem influenciado a maneira de pensar, de construir conhecimento e de se relacionar. A informação é transmitida de forma flexível; segundo Bauman, ela é líquida, e não mais engessada pelo meio/tecnologia que a transmite. As pessoas que se constroem neste mundo impregnado de tecnologia são produtoras de conhecimento coletivo, mediante participação nas redes sociais, que têm como elemento fundamental o processo da interatividade. Esta realidade faz com que o professor e a escola não funcionem mais como espaço único de construção de conhecimento, mas como pessoas e espaços que possibilitam aos seus alunos desenvolver conexões cognitivas, afetivas e sociais entre os universos que compõem nossas vidas e que não existem sem a tecnologia.

Hoje, após 15 anos de construção de conhecimento e de relações, vivemos em um mundo de processos colaborativos que propiciam a construção coletiva de saberes impregnados de interação e viabilizados por tecnologias que não mais pressupõem reações individuais, embora personalizadas, que se concretizam na troca com o outro, mediante o uso de ferramentas tecnológicas, que precisam estar cada vez mais presentes nos processos de construção de conhecimento da escola de hoje, 15 anos mais velha. ■